

O FRUTO DO ESPÍRITO (Gl 5.22-25)

Estudo 13 – Paz com prejuízo

Diz o ditado que “A vingança é um prato que se come frio”. O significado é que muitas vezes as pessoas ficam durante muito tempo alimentando o sentimento de raiva por alguém que lhe fez algum mal, até finalmente ter a oportunidade de revidar. Caso a outra pessoa acabe se livrando sem castigo, o sentimento é de perda e prejuízo. Mal sabem elas que as consequências de manter durante tanto tempo o coração cheio de raiva podem ser até piores do que o mal sofrido inicialmente.

Você já ficou cozinhando uma raiva por muito tempo? Conseguiu sua vingança ou desistiu? Já conheceu alguém nessa situação?

É fácil pensarmos que o oposto da paz é a guerra. Contudo, nem sempre a falta de paz se apresenta em atos claros de agressão. Às vezes, ela fica escondida no coração, em forma de *ira*. A ira é um sentimento passional, uma indignação vigorosa contra algo ou alguém.

Que a ira pode ser santa, fica claro pelo fato de que Jesus se irou contra homens de coração duro e contra homens blasfemos (Mc 3.5; 10.14; 11.15-17). É justamente por causa da justa ira divina que foi necessária a maior demonstração do amor divino – a cruz, onde a ira de Deus contra os pecadores foi derramada sobre Cristo (Rm 3.26; Gl 3.13; Mc 15.34; Is 53.4-5). Ali, Deus se reconciliou com aqueles que o ofenderam com seus pecados, mas pagou um alto preço por isso: a vida de seu Filho.

O problema é que pecadores, como nós, quase sempre se iram pecaminosamente. Nossa indignação sempre se mistura com hipocrisia, ignorância, egocentrismo, parcialidade, desequilíbrio e falta de discernimento. É por isso que a Escritura alerta *contra* a nossa ira (Mt 5.22; Gl 5.20; Ef 4.31; Cl 3.8).

Na verdade, o chamado cristão é para agirmos pacificamente até mesmo com aqueles que comentem injustiças contra nós, que nos fazem mal e nos perseguem (1Pe 3.9; 1Ts 5.15; Mt 5.39; Pv 24.29). A Escritura Sagrada reconhece que, num mundo caído, nem sempre será possível viver em paz com todos aqueles que nos cercam, mas nos exorta para que nos esforcemos para atingir esse alvo – pelo menos naquilo depender de nós (Rm 12.17,18).

Isso significa que devemos seguir o exemplo de Jesus, que pediu a seu Pai que perdoasse aqueles que o estavam crucificando (Lc 23.34); ele poderia pedir doze legiões (72.000!) de anjos para protegê-lo e castigar seus malfeitores, mas escolheu abrir mão de suas prerrogativas (Mt 26.53; Jo 10.18).

Fundamentalmente, a paz sempre é custosa para quem a deseja. Significa abrir mão de um direito, do pagamento de uma dívida, de algo merecido (1Co 10.24; Rm 15.2). Paulo ficou horrorizado porque os crentes de Corinto chegavam a processar uns aos outros no tribunal romano; ele perguntou: “Por que não preferem sofrer a injustiça? Por que não preferem sofrer o prejuízo?” (1Co 6.6,7). A ira não encontra descanso enquanto não se convencer de que a justiça (própria) foi satisfeita, mas a paz requer a disposição para ficar no prejuízo.

Para nos ajudar nessa difícil tarefa, será útil nos lembrarmos de que o Senhor é um justo Juiz, que certamente retribuirá a cada um segundo suas obras (Rm 2.5-10; Sl 54.4,5; Jr 17.10). É

esse o significado da exortação paulina para que não procuremos vingança (Rm 12.18-21): Devemos viver em paz, sabendo que a *ira* (de Deus) vai corrigir toda injustiça que os homens fizerem contra nós.

Descansar na justiça divina nos prepara para responder pacificamente ao mal que nos fazem com o bem. E não apenas isso, nos deixa em paz para esperar que o Deus de paz seja misericordioso até com quem nos fez mal. Aprendemos a descansar na justiça e também na misericórdia divina. O motivo é que foi assim que Deus nos tratou (Mt 5.44,45,48).

Aplicação

Você costuma encontrar explicações para amenizar e justificar sua ira e desejo de vingança? (Do tipo: “Sou da paz, mas também não sou trouxa!”)

Há alguém que lhe fez mal no passado e você sabe que Deus quer que você trate bem agora, talvez até ajudando ou evangelizando?

Pr. Alceu Lourenço